

Leandro Gomes de Barros



O Azar e a Feiticeira

A ORPHÃ



Sonho de Ilusão



SONHO DE UM PORTUGUEZ

*2.º volume*

À VENDA EM JABOATÃO

Rua da Colônia



*Imprensa Industrial*

*Recife*

## O azar e a feiticeira

Andava o azar no mundo  
Sem ter aonde pousar  
Foi em casa de uma velha  
Pedi para se arranchar  
Disse-lhe a velha: pois não!  
Vossa mercê pode entrar.

Meu filho não está em casa  
Meu marido já morreu  
Porem minha casa o cabe  
Com tudo quanto for seu  
Meu filho não está em casa  
Em logar d'elle estou eu.

Assim que o azar entrou  
Cahio agua no fogão  
Quebrou-se logo a panella  
Que cosinhava feijão  
Queimou-se a colher de pau  
E furou-se o caldeirão.

Furou-se o panno da cama  
Aonde a velha dormia  
Uma gallinha quebrou  
O prato onde ella comia  
Veio um rato carregou-lhe  
O lençol que se cobria.

A velha foi tomar banho  
Para tirar a caipora  
Tirou a roupa que tinha

Deixou do lado de fora  
A roupa cá pegou fogo  
Queimou-se em menos de um'hora.

Foi ella acudir a roupa  
E cahio numa cisterna  
Sahiu e com pouco mais  
Desconjuntou uma perna  
Murmurou ella comsigo:  
Esta caipora é moderna.

Voltou ella para casa  
Em delirio de paixão  
De longe viu a fogueira  
Do incendio do pilão.  
Achou o sal derramado  
E a farinha pelo chão.

Foi á cama do azar  
Achou elle resomnando  
Do quarto que elle dormia  
Os caibros estavam estalando  
As telhas já cai não cai,  
As paredes se furando.

Amigo ! perguntou ella,  
Como se chama o senhor ?  
Azar: respondeu o hospede  
Meu pae se chama rigor,  
Minha mãe d. Desdita  
Minha avó chama-se Dôr.

Pois, camarada, levante-se  
Faça favor de ir embora  
Vosmincê chama-se azar  
E' conductor da caipora  
Eu que sou tão feiticeira  
Vosmincê chocou-me agora.

Quando ouviu isto o azar  
Levantou-se na carreira  
Dizendo: eu te desconjuro  
Maldita ave agoureira  
Me arranhei por não saber  
Que tu eras feiticeira.

A velha em tudo mostrou-se  
Que estava mal satisfeita  
Disse ao azar: nessa casa  
Você nunca mais se deita.  
Vio no bolço do azar,  
Um livro da nova seita.

A velha exclamou: meu Deus !  
Viver assim ninguem pode  
Boto a desgraça de um lado  
Do outro a miseria acode  
Este diabo é ovelha  
Da criação de frei bode.

O azar sahio damnado  
Em desmedida carreira  
Dizendo: fica-te, tinha,

Brucha infeliz feiticeira  
 Deixo-te fome dez annos  
 Por um seculo tens gafeira.

## A Orphã

Acordou o avarento  
 Mas quasi desesperado  
 Com horror daquelle sonho  
 Estava bastante suado  
 Exclamando entre si mesmo:  
 Oh! meu pai foi condemnado.

E disse ainda: comtudo  
 Eu não desprezo o dinheiro  
 Inda que vá ao inferno  
 Não fui eu quem foi primeiro  
 Se o diabo for quem dizem  
 Lá tenho por certo este herdeiro.

Vamos tratar em Mathilde  
 O que foi de sua vida.  
 Em companhia do cão  
 Naquelle bosque mettida  
 Os cabellos lhe cresceram  
 Com elles ficou vestida.

O cão era um cão de fila  
 Que toda fera o temia  
 Os lobos viam Mathilde  
 Perto della nem um ia  
 Porque quem chegasse perto  
 Nas presas do cão morria.

Faziam dezesseis annos  
 Que ella no bosque habitava  
 Em uma furna de pedra  
 Mathilde á noute pouzava  
 O cão na bocca da furna  
 Alerta se conservava.

O cão matava animaes  
 Para a sua alimentação  
 Mas Mathilde só comia  
 O que nascia do chão,  
 Batatas, mel das abelhas,  
 Fructas, folhas de agrião.

Agora nos é preciso  
 Tratar no rico avarento  
 Para ver quantas mizerias  
 Em quem foi tão opulento  
 Ver o regresso da sorte  
 Ver da desgraça o augmento.

O nome do avarento  
 Era Aquilino Vilar  
 Tinha vinte e oito engenhos.

Trinta navios no mar  
O que tinha no Brazil  
Não podia calcular.

Porque só de terra tinha  
Quatorze legoas cercadas  
Isto tudo em/uma praia  
Muitas fructeiras plantadas  
Duas mil casas nas ruas  
Por bom dinheiro arrendadas.

Fóra dinheiro dos bancos  
Que ignora a quantia  
A historia não nos conta  
Que milhões elle teria  
Só diz que muito dinheiro  
Nos bancos elle possuia.

A mulher delle um'alma  
A quem se diz caridosa  
Uma esposa sem exemplo  
Creatura virtuosa  
De tudo ella tinha pena  
Era docil e piedosa.

Fóra da presença delle  
Soccorria os desgraçados  
Criou muitos orphãos fora  
Curou muito aleijados  
Quando elle sabia disto  
Ficava desesperado.

Então ella lhe dizia:  
Maldito o que trabalhar  
Só para ajuntar riqueza  
E no mundo amontoar  
Porque depois desta vida  
O que pode aproveitar?

A riqueza desta vida  
E' honra, crença e saúde  
Para outra só leva  
Os productos da virtude  
São iguaes a catacumba,  
O sollo e o ataúde.

Quando ella disse isso  
O avarento aggravou-se  
Mandou chamar o juiz  
Com a mulher disquitou-se  
Abrasado de paixão  
Da esposa separou-se.

Quando foi no outro dia  
Caiu o rico doente  
Era um mal desconhecido  
Uma febre intermittente  
Elle dizia comsigo:  
Morro agora certamente.

Elle só deu á mulher  
Um quarto dos possuidos.  
Desse, ella tirou um quarto

Deu de esmola aos desvalidos  
Então foi ser enfermeira  
No hospital dos feridos.

O rico nessa doença  
Gastava sem excepção  
Nos possuidos que tinha  
Apresentou-se questão  
Perdeu os trinta navios  
Um dia de serração.

Outro desastre terrível  
Nas mil casas arrendadas  
Elle não pagou imposto  
As casas foram embargadas  
Todas quanto possuía  
Foram em praça arrematadas.

Nos sitios todos que tinha  
Apresentou-se questão  
Muitos que foram de orphãos  
E sem autorisação  
De juiz e de tutores  
Elle lançava-lhe a mão.

Não tinha procurador  
Pois sempre foi usurario  
Um empregado que tinha  
Tinha um misero salario  
A questão achou-o doente  
Tudo correu-lhe ao contrario.

Perdeu a questão da terra  
Os navios afundaram  
As casas é como se sabe  
Em praça se arremataram  
Onde elle tinha dinheiro  
Os bancos todos quebraram.

Quando elle soube de tudo  
Baixou a face e corou  
Fez mil calculos de uma vez  
Em cousa alguma acertou  
Já não pode mais pagar  
Ao medico que o tratou.

O medico chamou-o e disse:  
Dão Aquilino Villar  
Disse seu procurador,  
A quem eu mandei chamar,  
Que V. Exc. não tem  
Mais meio para pagar.

Respondeu Dão Aquilino:  
Não estou muito desgraçado  
Ainda tenho um palacio  
Que tem valor avultado.  
Este não! disse-lhe o medico,  
A dias foi embargado.

Embargado meu palacio!  
E o que devo mais eu?  
A despeza do divorcio

O juiz não recebeu  
A mulher pagou a della  
Ficou por pagar o seu.

Dá-se o caso ! exclamou elle,  
De eu não ter onde morar ?  
Um infeliz como eu  
Deve se suicidar  
Pobre, sem mulher, sem filhos,  
A que mais posso chegar !

Pedir esmola ? isso não !  
Morro mais não pedirei  
Porque quando eu era rico  
Pediram mas eu não dei,  
Muitos lançarão-me em rosto  
As esmolas que eu neguei.

Nos bosques não ha quem saiba  
Se fui plebeu ou fui nobre  
Ninguém me perguntará  
Porque foi que fiquei pobre  
Todos não se importarão  
Que o pão me falte ou me sobre.

Ahi fallou aos medicos  
E disse: quero sair  
Não posso pagar meus debitos  
Não devo aqui existir  
Vou morrer onde ninguem  
Veja eu me concluir.

Seguiu uma estrada longa  
Que hia para um deserto  
Viu tudo quanto foi d'elle  
Murmurou a Deus por certo:  
Quem fui hontem ! quem sou hoje  
Meu tumulo já está aberto.

Viu no mar inda um dos mastros  
De um seu navio que afundou  
Sentou-se sobre uma pedra  
A soluçar murmurou:  
Tanto dinheiro que tive !  
Hoje em que desgraça estou !

Seguiu sem saber aonde  
Poderia elle ficar  
Ouvia o canto das aves  
Espiaava para o mar  
Se recordava quem foi  
Ahi deitava a chorar.

Perdeu-se em cima de um monte  
Ja ha dous annos vivia  
Um dia que elle caçava  
Fructas que era o que comia  
Cahio de cima de uma arvore  
Passou sem sentido um dia.

Quando veio tornar em si  
Já tinha o sol se escondido  
E elle só ouvia alli

Da tempestade o rugido  
 Elle sem poder virar-se  
 Todo quebrado e ferido.

Terminará nos martyrios de  
 Christo.

### Sonho de illusão

Não sei o que tem a sorte  
 Que só quem anda a capricho  
 Se planto milho ou feijão  
 Nasce ortiga ou carrapicho  
 Se tenho um sonho visível  
 Vou jogar erro no bicho.

Uma noite eu fui dormir  
 Sem ceiar por não ter pão  
 Disse-me a mulher: marido,  
 Faça ao menos uma oração  
 Veja se sonha com o bicho  
 Que tire esta precisão.

Disse a mulher: minha tia  
 Prometteu a S. José  
 Um rosario de joelhos

Resado com muita fé  
 Tirou duzentos mil réis  
 No gato e no jacaré.

Ahi me puz de joelhos  
 E disse: meu S. José,  
 Se me fizer o que fez  
 A' mulher do jacaré  
 Eu te faço dez jejuns  
 Tudo com pão e café.

Adormeci e sonhei  
 Que chegava um ancião  
 Um homem bastante velho  
 Apoiado em um bom bastão  
 E disse: ança commigo,  
 Eu te acabo a precisão.

Eu hia com elle a um campo  
 Debaixo de um ingazeiro  
 Disse elle: cave aqui  
 Que acha muito dinheiro  
 Agora podes fazer  
 Inveja a qualquer banqueiro.

Por sonho cavava o chão  
 Tirava umas velhas ripas  
 Achava dentro da terra  
 Uns arcos como de pipas  
 A mulher gritou: oh! homem!  
 Você arrancou-me as tripas.

Acordei, tomei um choque  
 A mulher estava damnada  
 Perguntou-me: eu como vivo  
 Com a barriga furada?  
 Eu disse: minha mulher,  
 Ao menos não gasto nada.

Ahi eu contei a ella  
 O que estava sonhando  
 Ella disse: é S. José  
 Que está velho caducando  
 Acertou quando era moço  
 Velho sempre vive errando.

Ahi fui ver a mulher  
 Achei-a então nesse estado  
 As tripas todas de fora  
 O facto todo furado  
 E o osso do quadril  
 Já estava desconjuntado.

Um rim já estava arrancado.  
 O bofe tinha cahido,  
 Quatro bacias de sangue  
 Do corpo tinha sahido  
 Eu não chorava por ella  
 Só pensava no vestido.

Felizmente um sapateiro  
 Disse: se o sr. quizer  
 Com cêra, sovela e linha,

Se endireita uma mulher  
 Eu só não boto a lingua  
 Boto outra peça qualquer.

### Sonho de um portuguez

Um portuguez que amava  
 A uma sua patricia  
 Com muito amor e caricia  
 Disse a ella:

Por sonho beijei-te, donzella,  
 Na tua bocca de anjo  
 Tu eras como um archanjo  
 Dibino.

Tonvem quasi disatino  
 Sonhando que te beijava  
 Pois em tua bocca achava  
 Um patacão.

Ella perguntou-lhe: então  
 Dos dous o que preferias?  
 Bisto a crise de hoje em dias  
 O dinheiro.

Porque hoje o caballeiro  
Aqui neste portugale  
Se não tiber o reale  
Morre.

Deus é um pai que soccorre  
Porem é depois de morto  
De Lisbôa até o Porto  
Tudo é crise.

E qualquer que o volço dali  
Bendo a âlgibeira esgutada  
Não prefere namorada  
De dinheiro?

Ella disse: cavalheiro,  
Amor não olha riqueza  
Só olha para pobresa  
Quem não ama.

Disse elle: a crise enfama  
Como tísica pulmonar  
E a quebradeira é um mal  
Sem cura.

6059

(120)